

Rio começa a combater doenças da pobreza

Estado desenvolve programas de atendimento a famílias e comitê de combate à tuberculose

CLAUDIO RENATO

RIO — Durante os últimos anos, o Rio escondeu de sua população e do resto do País a realidade das doenças que persistem principalmente por causa da urbanização desordenada, do alto índice de migração e das desigualdades sociais. São doenças que se imaginava praticamente erradicadas como tuberculose, hanseníase, dengue, raiva, cólera, malária, esquistossomose, leishmaniose, meningite, hepatite, leptospirose e até mal de Chagas.

Segundo o superintendente de Saúde Coletiva do Estado, Durval Dionísio de Souza Motta, nos boletins epidemiológicos do Ministério da Saúde de 1993 e 1994, por exemplo, não há qualquer informação sobre o Rio. No Estado, 415 mil famílias — 15% da população — vivem na pobreza absoluta, sem infra-estrutura urbana, saneamento e acesso à educação. Essas são as primeiras vítimas das doenças recorrentes.

Essas famílias estão concentradas principalmente na Baixada Fluminense e em São Gonçalo, na região metropolitana. O Rio é campeão nacional em incidência de tuberculose — 16.858 casos foram notificados em 1995. Duas pessoas morrem por dia em consequência da doença.

No ano passado, foram notificados na Secretaria Estadual de Saúde 14.059 casos de hanseníase. A evolução da doença corresponde a 2 mil casos novos por ano. Isso representa 8,09 casos por cada 10 mil habitantes, quase o dobro do índice em São Paulo (4,32 por cada 10 mil). Só este ano no Estado foram notificados 46 casos de esquistossomose, 79 de malária e 51 de mal de Chagas.

“Com relação à malária e ao mal de Chagas, tratam-se de casos importados por pessoas que migraram de outros Estados”, explica a epidemiologista Gisele Eugênio de Souza. Apesar de ainda faltar cinco meses para acabar o ano, o índice de incidência de leptospirose é o maior dos últimos 8 anos, com mais de 1.400 casos registrados e cerca de 30 óbitos.

Em 1996, foram registrados até maio 5.967 casos de dengue — número bem inferior ao do ano passado, quando foram notificados 35.203 casos da doença. A leishmaniose também preocupa, com 247 casos registrados em 95, embora este número seja quase o da metade do registrado em 93 (496).

Em setembro de 1995, a Secretaria Estadual de Saúde, a Assembleia Legislativa, o Conselho Regional de Medicina, as universidades, os municípios e a Sociedade de Pneumologia criaram o Comitê de Luta contra a Tuberculose.

Estão entre as metas estabelecidas no combate à doença a garantia da medicação nos postos de saúde, a rea-

tivação e ampliação das unidades básicas, o aprimoramento da qualidade técnica dos profissionais e a proposta de melhoria salarial e das condições de trabalho no setor, além da reestruturação dos hospitais de referência Ary Parreiras, em Niterói, e Santa Maria, em Jacarepaguá.

Para atuar nas áreas mais carentes

do Rio, a secretaria desenvolve dois programas — de saúde da família e de agentes comunitários — com 37 prefeituras. Essas cidades estão recebendo R\$ 3,7 milhões para aplicar em reequipamento das unidades de saúde.

Até março, com uma verba de R\$ 320 mil por mês, serão contratados agentes de saúde nas comunidades

que convencerão gestantes a fazer exame pré-natal, cuidarão do abandono e do tratamento de tuberculosos, verificarão cadernetas de vacinação, entre outras tarefas. No programa de saúde para a família, o projeto da secretaria é mobilizar 1 médico, 1 enfermeiro, 1 auxiliar de enfermagem e 6 agentes comunitários para cada 5 mil pessoas.